

Maquiavel nem sempre tem razão

No primeiro dia de 2003, FH deixará sucessivamente o Palácio do Planalto, o Palácio da Alvorada e Brasília. Em 2 de janeiro, depois de uma escala em São Paulo, irá para longe do país. Aos palácios, jura que nunca mais voltará como inquilino. De Brasília, ficará distante por tempo indeterminado: gosta muito da capital, mas pretende só aparecer por lá para cumprir compromissos (que ainda não constam da agenda). Regressará ao Brasil entre o fim de março e o começo de abril, encerrada a viagem pela Europa que terá na França a etapa inicial.

O que pretende fazer nesses três meses?

– Descansar – desconversa.

Dos incômodos do cargo, certamente vai descansar. Está ansioso para livrar-se do aparato de segurança, de minúcias protocolares, sobretudo de conversas ou compromissos indesejados. Mas o tempo afinal devolvido a seu livre arbítrio não será usado exatamente para o que os homens comuns chamam de descanso. FH pretende ao menos rabiscar anotações para dois livros que já planejou. Um deles o levará a revisitar obras clássicas da teoria política. Serão contestadas algumas verdades repetidas há séculos.

– Maquiavel afirmou que o mal sempre deve ser feito de uma só vez e que o bem se faz aos poucos – exemplifica Fernando Henrique. – Posso garantir que nem sempre é assim.

Ele pretende reduzir a pilha de livros de que permaneceu distante em consequência de agendas carregadas. É certo que, em Paris, vai encontrar-se com velhos amigos. É difícil imaginar-lhe a silhueta emoldurada por cartões-postais da cidade que conheceu muito bem quando morou por lá. Isso só ocorreria se FH tivesse de melhorar a formação cultural dos netos com incursões pelas relíquias parisienses. Não será necessário. Nessa primeira etapa da viagem, estará acompanhado apenas de Ruth Cardoso, também ex-habitante de Paris.

Não faltará assunto ao casal, frequentemente obrigado pelas circunstâncias a percorrer trajetórias paralelas. Há muito a dizer sobre o passado recente, vivido com intensidade pelo sociólogo que virou presidente e pela antropóloga que comandou com brilho o Projeto Comunidade Solidária. Há o futuro: não são poucos os caminhos que uma dupla assim pode percorrer, nem lhe faltam trilhas a desbastar.

viagem permite cuidar dessas coisas num presente poupado de premências e pressões. Poderão conversar sobre tudo. Como lidar com questões de Estado, por exemplo. Ou como lidar com questões de família. Como, enfim, lidar com a vida.